


LEANDRO GOMES DE BARROS

---

# A Mulher na rifa



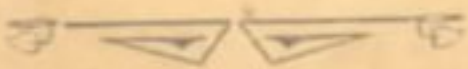
VACCINA PARA NÃO TER SOGRA

---

NOITE PHANTASTICA

---

'CHROMO



A' venda na casa do autor e editor  
'em Afogados á rua do Motocolombó  
n. 28—Arrabalde do Recife.

## A MULHER NA RIFA

O casamento hoje em dia  
Quasi todo mundo o quer  
Muitos contemplam familia  
Como outra cousa qualquer  
A mulher empenha o marido  
O marido rifa a mulher.

Marido é perna de banco  
Sempre a mulher diz assim  
O marido diz tambem  
A mulher e o capim  
Morre um nascem mais dez  
Inda mesmo em terra ruim.

Eu conheci um casal  
Que não éra desunido  
A mulher foi n'uma venda,  
Lá empenhou o marido  
Elle botou-a na rifa  
Foi um rolo desmedido.

Então a mulher dizia  
Empenhei fiz muito bem  
Eu só não quero empenhar  
E' o marido de alguém  
A gente se arremideia  
E' com aquillo que tem.

Tambem o marido disse  
Minha acção não foi mesquinha  
Precisava de dinheiro  
Outro recurso não tinha  
Não joguei mulher alheia  
A que rifei era minha.

Inda recordo as lições  
Que meu bisavô me deu  
Esse sempre me dizia  
Sò pegue no que for seu  
E eu não quero objecto  
Que dure mais do que eu.

A mulher tambem dizia  
Casei a primeira vez  
Mas se o fulano morrer  
Caso mais duas ou trez  
Se não faltar namorado  
Serei noiva todo mez

O marido diz tambem  
Mulher é como roçado  
Limpa-se a primeira vez  
Depois do milho espigado  
A gente tira os caroços  
A palha bota-se ao gado.

A mulher por outro lado  
Diz que marido e tamanco  
Só prestam enquanto são novos  
Isso é pensamento franco  
Parte das mulheres dizem  
Marido é perna de banco.

E quando o marido bêbe  
E a mulher joga bicho  
Elle bêbe por pirraça  
Ella joga por capricho  
Alguns trapos que teve um  
Hão de guardal-os no lixo

Aguardente à um casal  
Faz um serviço de gancho,  
Jogo de bicho tambem  
Faz o desgraça no rancho,  
Ajuntando-se esses dois  
Faz um grande desarancho.

Esse tal jogo de bicho  
Eu conheço elle quem é  
O que metter-se com elle  
Desespera até dá fê  
No bolso inda tenho as marcas  
Do que fiz no jacaré.

Aguia quasi me põe louco  
A cabra fez eu cahir  
N'um lugar tão perigoso  
Que deu trabalho a sair  
Cachorro botou-me em canto  
Que eu não poude resistir.

A sogra de meu visinho  
Vendeu um sitio na praia,  
Jogou tudo no coelho  
Vendeu até uma saia,  
E fez a filha vender  
Um vestido de cambraia.

Um dia para jogar  
Vendeu até o vestido  
De tarde o bicho não deu  
Lá se foi tudo perdido,  
Foi um dia n'uma venda  
Hipotecou o marido.

Uma noite ella sonhava  
Que via um lindo carneiro  
Então chegou nu'ma venda  
E propoz ao marinheiro.  
Ficar com o marido d'ella  
Até ella achar dinheiro.

O marinheiro pensou  
Que éra pichincha acceitar,  
João Molle como penhor  
Estava sujeito a ficar,  
Trabalhando para elle  
Até a mulher pagar.

João Molle quando chegou  
Não quiz saber do motivo  
Disse mulher do diabo  
Então eu para que sirvo  
Minha mãe não era prêta  
Como eu posso ser captivo.

Então Joanna respondeu-lhe  
Eu não fiço em abandono  
Você sêrá algum rei  
Onde diabo é seu throno?  
Para que um objecto  
Que não acode a seu domno?

João Molle disse demnada  
Eu fico no captiveiro  
Porem se achar um que a compre  
Vendo-a por qualquer dinheiro  
Só quero que a cousa renda  
O que eu pague ao marinheiro.

Ora João Molle empenhado  
Estava o negocio perdido  
Joanna pouco se emportava  
De ficar sem o marido  
E elle estava no caso  
De mais tarde ser vendido.

Foi a um parente fallou-lhe  
Em dois mil reis emprestado  
Queixando-se que a mulher  
O tinha negociado  
O parente d'elle disse  
Eu tambem estou derrotado.

Sua mulher empenhou-o  
Disse-lhe alli o parente  
Foi melhor do que a minha  
Quando nada foi prudente  
A minha metteu-me o páo  
Que ainda hoje estou doente.

Disse João Molle tambem  
Amanhã se Deus quizer  
Eu vendo o ultimo traste  
Que em minha casa tiver  
Não achando o que vender ;  
Boto na rifa a mulher.

Ella já é velha e feia  
Um braço está empenado  
Está soffrendo de erizipela  
Tem rheumatismo e puchado,  
Tambem a miseria as vezes  
Serve muito a um desgraçado.

E butou ella na rifa  
Sahio na rua a vender,  
Ninguem conhecia ella  
Elle não ia dizer  
Dizendo, até o diabo  
Era custoso a querer.

O todo da hipotéca  
Eram mil e quatro centos  
Elle apurou dez tustões  
Ja nos ultimos momentos  
Outro lhe disse que á Joanna  
Devia mil e seiscentos

Um carroceiro tirou-a  
Julgando ella ser bonita,  
Mas quando chegou de tarde  
Viu uma cousa exquisita,  
Dizia João Molle hoje  
Passou em mim uma fita.

E' o que nós estamos vendo  
Neste seculo adiantado  
Casa a fome com a peste  
Mizeria com desgraçado,  
E assim mesmo não falta  
Quem não queira ser casado

Não sei se é a tentação  
Ou sympathia de nome  
Casa-se uma miseravel  
Com um herdeiro da fome,  
Ella jejua á um mez  
Elle á um anno que não come

### Vaccina para não ter sogra

Porque é que a medicina  
Estuda tanto e não logra  
Por exemplo um preparado  
Que dê mais valor á droga?  
Porque rasão não inventa  
Vaccina p'ra não ter sôgra?

Isto dizia eu um dia,  
Fallando com um inglez.  
Disse o inglez: Mim já vi  
Essa vaccina uma vez,  
E' um remedio sublime,  
Mim antes de casar fez.

Eu então lhe perguntei:  
Como é essa vaccina?  
Disse o inglez: Oh! tu péga  
Uma sogra bem ferina,  
Bota o cuspo della em ti,  
Que sogra ahi amofina.

Mim garante que betando,  
Tu fica logo sem ella,  
Bota pouco, só na unha,  
Que a baba é uma mazella,  
Com meia hora depois,  
A velha estica a canella.

Arrumei a baba de uma  
Sogra de um tal Muscatér,  
Passei só cuspo na unha,  
Não foi ao couro siquer,  
Morreu logo minha sogra  
E a avó de minha mulher.

Eu indo me confessar,  
Contei a Frei Rato Gama.  
O frade então perguntou-me :  
Como o remedio se chama?  
Eu quero me vaccinar  
E dar fim a mãe de minh'ama.

Porque um casal sem sogra,  
E' um trem sem conductor,  
Uma venda sem patrão,  
E um serviço sem feitor,  
E' como um sitio sem dono,  
Quem quer que seja o senhor.

Disse o frade : Bem que dizem :  
O direito não entorta,  
Para livrar-se de um doudo,  
Bota-se outro na porta,  
A baba de uma serpente  
Faz a outra ficar morta.

Com essa vaccina, agora  
O mundo ha de melhorar,  
A terra toma um impulso,  
Tudo ha de prosperar,  
A mocidade de agora  
Não teme mais se casar.

Porque póde supportar-se  
Uma dôr no coração,  
Um rheumatismo nas juntas,  
Um nervoso, uma inchação,  
Mas uma sogra gasguita  
Se supportará ou não.

Sogra bôa, diz á filha :  
Você veja seu marido,  
Elle achando molle encalca,  
O homem é bicho atrevido,  
Seu pai tambem foi assim,  
Mas, commigo tem tossido.

Elle lhe tomando o folego,  
Adeus ! minha encommenda !  
E quando elle é vadio,  
Morre velho e não se emenda,  
Elle fazendo uma vez,  
D'ora em diante assenta tenda.

Seu pai tinha muita manha,  
Dengo que só um menino,  
Luxo que só mulher velha,  
Estava ficando um ferino,  
Com tapas e descomposturas  
E' hoje um marido fino.

E você sabe que eu sou  
Uma mulher virtuosa,  
Mas para certos maridos,  
Só sendo bem rigorosa,  
E' louca a que se faz molle  
Ou se faz bem amorosa.

Agora analysem bem,  
Uma boa faz assim,  
Dá desses conselhos á filha,  
O que não fará a ruim ?  
Enterra o genro inda vivo,  
Péga Deus e dá-lhe fim.

Uma vez um missionario  
Foi confessar um rapaz,  
Esse disse : Padre mestre,  
Eu sou um homem incapaz,  
Matei até minha sogra  
E pena alguma me faz.

Então perguntou um padre :  
E como isso succedeu ?  
Disse o rapaz. Foi vaccina  
Que um boticario me deu,  
Vaccinou-a a meia noite  
Ella de manhã morreu.

Então o padre lhe disse :  
Filho, isso não foi tão máo,  
Si tu a tivesse morto  
Com ferro, com pedra ou páo  
Jejuarias tres dias,  
Com queijo e com bacalhau.

Pegaram-se duas sogras,  
Fazia medo o barulho,  
Uma engolia a outra,  
E foi nojento o enbrulho,  
Pegaram a 4 de Maio,  
Findaram a 5 de Julho.



No lugar que ellas morreram,  
Vinte annos não choveu,  
A carniça da melhor,  
Essa sempre apodreceu,  
Isto é, porem a lingua  
O urubú não comeu.

Minha sogra, como sogra  
Não podia haver peior,  
Como visinha soffivel,  
Tambem não era melhor,  
Cem leguas de visinhança  
Foi a distancia menor.

---

### Noite phantastica

Tudo é silencio, a populaça dorme  
Vagueia a lua, no azul garbosa  
Só uma voz na solidão enorme  
Corta o silencio sepulchral queixosa.

E' ella! é ella! a desditosa amante  
Que ardendo em lavas de saudade infinda  
Espera aquelle que jurou constante  
Nunca ovidar a sua imagem linda.

Sobre a janella da deserta sala  
Descança a fronte a infeliz donzella  
Ouve em silencio tudo ali se cala  
Tudo ensurdece ao gemido d'ella.

E só da lua o clarão funereo  
Banha-lhe a fronte virginal airosa  
Sua alma vaga n'um jardim aereo  
Buscando a flor do amor queixosa.

Depois de muito soluçar em vão  
Buscando allivio, respirando em fim  
Levou ao seio sua nevoa mão  
E os echos tristes acordou assim.

Amei meu Deus e esse amor que outr'ora  
Julguei tão firme virginal e santo  
O negro fado permittiu que agora  
Me mergulhasse nesse mal de pranto.

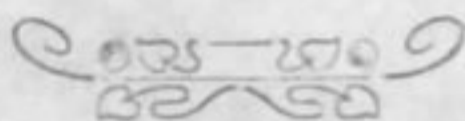
Gentil mancebo me sorriu um dia  
E seu sorriso de volupia cheio  
Ao coração me segredou, dizia:  
Vamos viver em festival recreio.

Ingenua e crente o segui, que sorte!  
E dei-lhe abrigo no meu seio virgem  
Mai eu sabia que abrigava a morte  
Do meu espirito na fugaz vertigem.

Depois a fronte já cançada exhausta  
Deixou pender a soluçar ficou

E o silencio desta noite infausta  
No pranto amargo só lhe escapou.

Eis a noite de seu curso em fim  
Lá surge a aurora irradiante e bella  
E eis o dia em triumphar festim  
E inda soluça a infeliz donzella.



## CHROMO

No jardim de Annita  
Vive um lindo colibri,  
Um'avesinha catita  
Amante do bogari.

Sempre, sempre, esvoaçando  
Ora n'uma n'outra flor.  
Vai de uma e de outra suga  
Todo o aroma, todo o odôr.

Mas, um dia a avesinha  
No beijar uma florinha  
Sentiu mais vivo dulçor

Porque julgando uma rosa  
Beijou a bocca mimosa  
Da linda dona da flor.